



GT 013. Antropologia da Técnica

Fabio Mura (PPGA-UFPB) - Coordenador/a, Eduardo Di Deus (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UnB) - Coordenador/a, Carlos Emanuel Sautchuk (Universidade de Brasília - Debatedor/a, Caetano Kayuna Sordi Barbara Dias (Universidade de Caxias do Sul) - Debatedor/a, Alessandro Roberto de Oliveira (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Goiás) - Debatedor/a

O GT Antropologia da Técnica chega a sua terceira edição tendo contribuído para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. A partir da definição de técnica como ato tradicional eficaz, oferecida por Mauss, a compreensão dos processos técnicos se desenvolveu com especial atenção para a diversidade de relações e interações entre humanos, artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral. Para compreender tais processos resulta significativo focar as práticas, os conhecimentos e as habilidades que estão na base das cadeias operatórias, não como mera projeção de uma tecnologia, mas como propriedades de ação sobre materiais. Neste sentido, pretendemos aqui salientar, entre os processos técnicos, o trabalho como ato que coloca as mãos em obra, centrado justamente na manifestação de habilidades práticas, fruto da experiência no ambiente, ele mesmo entendido como meio técnico, nos termos de Lévi-Strauss. Infelizmente também se dá aos efeitos oriundos das intenções e de práticas técnicas que redundam na configuração de relações de poder. Tal proceder permite focar atos políticos voltados a mobilizar, ordenar e hierarquizar forças e materiais, não como em oposição à dimensão material, mas como técnicas de uso e de controle, fundamentais na formação de sistemas técnicos. Assim, espera-se aqui reunir trabalhos etnográficos e analíticos que foquem os processos técnicos na direção de tais preocupações.

Etnografando o Meliponário do Mestre Antônio Martins: engajamento ecológico, experimentos técnicos e educação ambiental na localidade do Sítio Bananal, em Guaramiranga, no Ceará.

Autoria: George Arruda de Albuquerque, Francisco Levi Jucá Sales Antônio Martins Rodrigues João Yerú D'Ávila Albuquerque

O presente work tem o objetivo de expor os resultados preliminares da etnografia que vem sendo realizada no meliponário do Mestre Antônio Martins Rodrigues, desde março, 2018. Inúmeros fatores tem causado o desaparecimento das abelhas nativas sem ferrão (meliponíneos) (NOGUEIRA-NETO, 1997) no Brasil, impactando diretamente a flora e a fauna de diferentes biomas. Esse fenômeno tem preocupado por não apenas ocorrer em escala nacional, mas em nível mundial. Mateiros e meliponicultores têm verificado e alertado há bastante tempo acerca do sumiço das abelhas silvestres de seus habitats naturais. O meliponário do Mestre Antônio, localizado no Sítio Bananal, no município Guaramiranga, Ceará, tem alcançado êxito na reprodução das espécies nativas. Ele adquiriu habilidades durante a sua vida (SAUTCHUK, 2015) que permitiram criar e aprimorar diferentes técnicas (MAUSS, 1948) de manejo a partir de seu engajamento (INGOLD, 2010) no contexto ecológico das abelhas. Para tanto experimenta diversos métodos a fim de resolver os problemas que vão surgindo no decorrer dos processos, obtendo resultados objetivos, capazes de serem replicados. Outras fontes contribuem para o seu aprendizado, como por exemplo: a conversa com criadores, pesquisadores e na leitura de livros que ganha de presente das pessoas que o visitam. Contudo se sobressai sua competência técnica (MURA, 2011). O meliponário recebe muitos visitantes, brasileiros e



estrangeiros, interessados em conhecer e aprender sobre os procedimentos que utiliza para cada situação, principalmente pesquisadores, para entender e atestar a eficácia técnica de suas invenções. Ao visitarem o meliponário são recebidos pelo mestre, seguindo um roteiro planejado por ele. Esses momentos (ele chama de ?aulas?) podem ser vistos como uma oportunidade das pessoas passarem por uma ?breve formação? em educação ambiental (RODRIGUEZ; SILVA, 2009), visto que sua apresentação ao mesmo tempo em que descreve técnicas de reprodução, observação na mata, divisão de colmeias, conservação, coleta, tratamento do mel, usos farmacológicos, contribuindo para perpetuação da espécie e a preservação do habitat, tem o propósito de multiplicar o conhecimento sobre as abelhas nativas, alertando das consequências da sua extinção. Decidimos realizar uma pesquisa colaborativa, tendo em mente que mestre Antônio participaria do work como coautor, percorrendo sobre suas práticas. Utilizamos como método de pesquisa: a fotografia, entrevistas, observação participante, diário de campo, acompanhamentos periódicos as suas atividades, dentre outros. Reunimos um corpus documental cujo foco está direcionado para os assuntos: abelhas nativas sem ferrão ou abelhas indígenas.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

